

ARQUIVOS FOTOGRÁFICOS
INVESTIGAÇÃO E PRÁTICAS
ARTÍSTICAS

VOL. 01

Estudo, digitalização e divulgação de coleções

PT

ES

EDIÇÃO

Câmara Municipal de Lisboa
Divisão de Arquivo Municipal
IHA-NOVA FCSH / IN2PAST

COORDENAÇÃO

Bruno Marques
Helena Barranha
Pilar Irala Hortal

● ÍNDICE

3 ● **Notas de abertura**

Laurentina Pereira

Alexandra Curvelo

8 ● **A luz que cintila do passado: o arquivo fotográfico como espaço de investigação e criação**

Bruno Marques

Helena Barranha

17 ● **Memórias fotográficas no Arquivo Municipal de Lisboa**

Isabel Corda

33 ● **Coleções e fundos fotográficos. Teoria e prática**

Antonia Salvador Benítez e Juan Miguel Sánchez Vigil

49 ● **Jalón Ángel: obra e legado**

Pilar Irala Hortal

63 ● **Livros de livros de fotografia: estudo, divulgação e arquivo de um património em expansão**

Susana M. Martins

79 ● **A exposição de atrocidades: uma questão colonial**

Afonso Dias Ramos

● **ENSAIOS VISUAIS**

93 ● **Actos de performance: as mulheres no Estado Novo**

Ana Janeiro


103 ● **Entre a tecnologia e a metáfora. Tecendo considerações sobre o arquivo fotográfico**

Laura Covarsí

116 ● **Sobre os autores**

121 ● **Ficha técnica**

●



**A luz que cintila do passado:
o arquivo fotográfico como
espaço de investigação e criação**

Bruno Marques

Helena Barranha

A luz que cintila do passado: o arquivo fotográfico como espaço de investigação e criação

Bruno Marques
IHA-NOVA FCSH / IN2PAST

Helena Barranha
Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa
IHA-NOVA FCSH / IN2PAST

O tempo contido no instante em que a luz da estrela cadente cintila para uma pessoa é da mesma matéria daquele tempo que Joubert, com a segurança que lhe é própria, definiu do seguinte modo: “O tempo – escreve – também se encontra na eternidade; mas não é o tempo terreno, deste mundo... Esse tempo não destrói; só aperfeiçoa e consoma”. É o oposto do tempo infernal em que decorre a existência daqueles que nunca consumam aquilo a que deitaram mãos.

Walter Benjamin, “Sobre alguns motivos na obra de Baudelaire”, 1939.

A contemplação do céu estrelado, carregada de simbolismo e espanto, revela um paradoxo que nos convida a refletir sobre o desejo humano de capturar e eternizar o efémero. Como uma estrela que ainda cintila no céu muito tempo após ter desaparecido, a fotografia permite-nos ver aquilo que já foi. Ao comparar a estrela cadente com o conceito de tempo eterno de Joseph Joubert, Walter Benjamin opõe a efemeridade a um tempo que, em vez de destruir, aperfeiçoa, ao ponto de potenciar a consumação de um (antigo) desejo. Esta reflexão espelha a sua crítica à modernidade, onde o verdadeiro valor das experiências e dos objetos só é alcançado retrospectivamente, quando estes já se encontram à beira do esquecimento ou da destruição (Benjamin 1939).

Este anseio de eternizar o efémero pode explicar por que, no contexto da chamada “revolução digital”, os arquivos fotográficos têm adquirido uma relevância sem precedentes, tanto para as instituições que tutelam estes acervos como para a investigação académica e a criação artística que se têm dedicado ao seu estudo e à sua (re)interpretação. É hoje consensual que a digitalização favorece a preservação física dos arquivos e, simultaneamente, possibilita novas formas de acesso e análise, promovendo práticas criativas inovadoras e abrindo horizontes teóricos, no campo da história da arte. Contudo, a transição do analógico para o digital exige uma constante consciência de eventuais equívocos, limites e exclusões, que possam ocorrer nos processos de recolha, conservação, classificação, catalogação e partilha da informação.

Num mundo digital saturado de imagens fotográficas, o acesso a diferentes arquivos, públicos e privados, tem suscitado múltiplos estudos e debates. Reunindo contributos de investigadores, artistas e outros profissionais que trabalham sobre arquivos fotográficos, em contextos analógicos e/ou digitais, o presente livro procura discutir o papel deste tipo de património para a preservação, a reinterpretação e a construção de diferentes narrativas históricas e culturais. Este foi o objetivo central do primeiro *workshop* do projeto colaborativo *Arquivos fotográficos: investigação e práticas artísticas*, iniciado em 2023, numa iniciativa conjunta do Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa (IHA-NOVA FCSH / IN2PAST), e do Arquivo Municipal de Lisboa | Fotográfico.

Este primeiro volume da coleção associada ao projeto parte de um enquadramento institucional e curatorial, com um conjunto de três textos que evidenciam a importância e a complexidade dos arquivos fotográficos. O texto de **Isabel Corda**, responsável pelo Arquivo Municipal de Lisboa | Fotográfico, proporciona uma visão global da história, da estrutura e da missão deste equipamento cultural. Tutelado pelo Departamento de Património Cultural da Câmara Municipal de Lisboa, o acervo do Arquivo Fotográfico é composto por variados suportes e tipologias documentais, que espelham a diversidade e o valor cultural deste património cuja conservação e digitalização suscita inúmeros desafios. A autora sublinha ainda a importância do arquivo como guardião das memórias urbanas, destacando o seu papel fundamental na preservação e na organização da documentação relativa à cidade de Lisboa.

Antonia Salvador Benítez e **Juan Miguel Sánchez Vigil**, professores e investigadores da Universidad Complutense de Madrid (UCM), ampliam esta discussão ao abordar a importância de definir estratégias consistentes para a conservação, o tratamento, a valorização e a difusão de coleções fotográficas. Os autores exploram também a utilização de imagens de arquivo em contextos como a ilustração, a publicidade e a educação, bem como a questão, muitas vezes controversa, da possível rentabilização deste tipo de acervos. A abordagem proposta combina reflexões deontológicas e metodológicas

com exemplos práticos, baseados no trabalho desenvolvido pelo grupo de investigação Fotodoc da UCM, em colaboração com diversas instituições culturais espanholas.

O texto de **Pilar Irala Hortal**, diretora do Arquivo Jalón Ángel, docente na Universidad San Jorge de Saragoça e coeditora do presente livro, oferece um estudo de caso exemplar sobre a preservação, valorização e difusão do legado de um dos mais notáveis fotógrafos retratistas espanhóis do século XX. Criado em 2011 na Universidad San Jorge, o arquivo reúne atualmente mais de meio milhão de negativos, assim como positivos, câmaras fotográficas e bibliografia da época. Neste texto, Pilar Irala descreve o extenso trabalho de investigação, preservação e digitalização que tem vindo a ser realizado, destacando também a importância de diferentes iniciativas para promover a relevância cultural e académica deste legado, como exposições temporárias e o concurso anual para atribuição do Prémio Internacional de Fotografia Jalón Ángel.

Este primeiro conjunto de textos sublinha a importância dos arquivos fotográficos como instrumentos essenciais para a preservação de uma memória visual coletiva. Ao mesmo tempo, o crescente questionamento sobre os arquivos revela as complexas relações entre memória e poder, desafiando a sua função tradicional e promovendo uma reavaliação contínua da sua autoridade e imparcialidade. Como observam Karen Cross e Julia Peck (2010, 129):

O arquivo – e os termos através dos quais reproduz o conhecimento – abre-se ao escrutínio e confronta-se com a sua própria história, com a memória das suas inclusões e exclusões. Além disso, o gesto do materialista é revolucionário, com o objetivo de resgatar a história do conformismo, no momento em que esta se encontra à beira da sua própria destruição. O arquivo é, assim, exposto à ameaça da memória: a memória das suas exclusões. [trad.]

Paralelamente, os debates em torno dos arquivos fotográficos e da configuração de diferentes perspectivas históricas tem vindo a ampliar-se, não só através de um crescente interesse pela história da fotografia, mas também do surgimento de novas tipologias arquivísticas. Neste âmbito, salienta-se

o caso do “livro de fotolivros”, explorado no ensaio de **Susana S. Martins**, professora da NOVA FCSH e investigadora do IHA-NOVA FCSH / IN2PAST. Este texto revela como o fenómeno dos fotolivros preconiza um regresso ao livro, numa nova forma de circularidade que envolve mais do que a simples reimpressão de imagens, pois implica uma transformação da natureza dessas obras. Ao serem inventariados e organizados em forma de “livro-arquivo”, em conformidade com os formatos dos arquivos digitais, os fotolivros deixam de ser meros objetos isolados para se tornarem artefactos culturais dignos de patrimonialização e salvaguarda. Esta arquivística da página não só preserva a memória cultural contida nas publicações, mas também cria um sentido de linhagem, comunidade e continuidade entre obras que, de outra forma, poderiam permanecer desconhecidas ou dispersas.

Quando a investigação crítica e teórica *sobre* o arquivo se sobrepõe à própria investigação *no* arquivo, este converte-se não só num objeto conceptual e num tema filosófico em si mesmo, mas também num problema político, pela forma como pode destabilizar a memória coletiva e os discursos históricos dominantes (Pell 2015). Neste âmbito, a relação entre arquivos e situações de conflito tem sido alvo de uma reflexão crítica específica, particularmente sobre o modo como acervos documentais sensíveis, marginais e anteriormente censurados devem ser contextualizados, em virtude de serem passíveis de reacender mágoas, desencadear atritos e reclamações de justiça (Miessen e Chateigné 2016).

Relativamente a esta última dimensão, o texto de **Afonso Dias Ramos**, também investigador do IHA-NOVA FCSH / IN2PAST, torna evidente a urgência de definir uma ética no que concerne ao uso dos arquivos sobre a guerra colonial, especialmente aquando da sua exposição pública. Se, por um lado, os proto-arquivos ou os arquivos alternativos podem abrir espaço para novos estudos e releituras históricas, através do acesso a conteúdos ocultados pelo regime, dando assim visibilidade a eventos apagados e a sujeitos silenciados, por outro, o seu uso indiscriminado ou pouco ponderado pode facilmente converter-se numa oportunista (e voyeurística) exposição da “dor dos outros”,

passível de abrir ainda mais as feridas e, desse modo, fazer com que fantasmas e sombras do passado interfiram nos “processos de cura” daqueles que foram vítimas de repressão e violência.

Para além da responsabilidade deontológica, um outro problema que daqui emerge tem que ver com a dificuldade em reconhecer o estatuto híbrido ou ambíguo de arquivo artístico e documento histórico (Enwezor 2008). Ao longo das últimas décadas, várias gerações de artistas têm reclamado uma revisão do conceito de arquivo fotográfico, para que este seja visto não como um repositório de verdades definitivas, mas como espaço onde as imagens podem ser confrontadas e investidas de novos significados. Ao questionar o paradigma oitocentista de objetividade e transparência da imagem fotográfica (Azoulay 2008), esta perspetiva transforma a fotografia de mera ilustração em mediadora de múltiplas histórias, assumidamente inclusivas e plurais, que propõem uma relação entre as práticas artísticas contemporâneas e o passado (Osthoff 2009). Em 2004, Hal Foster (2004, 3) identificava um “impulso arquivístico” na arte contemporânea, destacando abordagens que vão desde a exposição pública de arquivos alternativos, passando pela apresentação do passado como algo heterogéneo e incompleto, até à conceção do arquivo como um espaço onde conteúdos reprimidos emergem de forma disruptiva.

Neste quadro, os arquivos particulares e familiares têm vindo a assumir uma especial relevância. Quando apropriados ou recriados pelos artistas, estes acervos oferecem mais do que simples registos visuais, dado que incorporam os contextos culturais, sociais e políticos em que foram gerados. É neste âmbito que se inscreve o ensaio visual “Actos de performance: as mulheres no Estado Novo” de **Ana Janeiro**, artista e investigadora do IHA-NOVA FCSH / IN2PAST e do CREAM, Universidade de Westminster. Ao reinterpretar, através da performance, poses e gestos das suas avós que o álbum fotográfico de família conservou, a artista faz do seu corpo um mediador intergeracional, identificando e dramatizando posturas que integram a estrita panóplia de situações a que os corpos estavam sujeitos, em conformidade com modelos inculcados pela propaganda. Este trabalho convida a pensar como o campo

da fotografia, mesmo quando encerrado na esfera familiar, era um território fortemente regulado por códigos rígidos que condicionavam comportamento das mulheres. A estranheza que o corpo da artista denuncia, torna evidente que esses gestos são tudo menos naturais, mas fundamentalmente o resultado de uma disciplinada interiorização dos padrões de postura fixados pelo regime ditatorial. Ao serviço de um sistema político repressor e heteropatriarcal, a imagem fotográfica constituía um agente regulador do que se considerava adequado para que uma mulher mantivesse uma “boa pose”, isto é, uma atitude passiva, dócil, elegante, numa palavra, subserviente face ao estereótipo feminino então vigente.

O segundo ensaio visual incluído neste livro, da autoria de **Laura Covarsí**, investigadora e curadora independente, propõe uma visão do arquivo fotográfico para além da ideia convencional de repositório passivo de imagens. A autora explora as múltiplas camadas de significados presentes nas fotografias arquivadas, convidando-nos a considerar o arquivo como um espaço vivo e dinâmico, onde tecnologia, memória e reinterpretação se entrelaçam num diálogo contínuo. As fotografias, com as suas evidências tecnológicas e contextuais, tornam-se agentes que questionam, desafiam e enriquecem as narrativas históricas, promovendo uma constante reavaliação crítica e criativa do passado à luz do presente.

No seu conjunto, os textos e os ensaios visuais reunidos neste volume mostram que os arquivos fotográficos não devem ser apenas entendidos e preservados como testemunhos do passado, mas também como matéria-prima sempre sujeita a transformações, releituras e sobrevivências. Mais do que uma realidade material e patrimonial associada a taxonomias racionais e descritivas, os acervos fotográficos constituem um ponto de partida criativo, que potencia uma relação subjetiva e múltipla com o passado e a história. Neste sentido, os arquivos deixam de ser simples agregadores de documentação e informação estática e assumem um papel ativo na construção das memórias coletivas. Tal como a estrela cadente que se torna “símbolo do desejo realizado” (Benjamin 2017, 131), a conservação, a

ARCHIVOS FOTOGRÁFICOS
INVESTIGACIÓN Y PRÁCTICAS
ARTÍSTICAS

VOL. 01

Estudio, digitalización y divulgación de colecciones

PT

ES


EDICIÓN

Ayuntamiento de Lisboa
División del Archivo Municipal
IHA-NOVA FCSH / IN2PAST

COORDINACIÓN

Bruno Marques
Helena Barranha
Pilar Irala Hortal

	●	ÍNDICE
125	●	Notas introductorias Laurentina Pereira Alexandra Curvelo
130	●	La luz que centellea del pasado: el archivo fotográfico como espacio de investigación y creación Bruno Marques Helena Barranha
139	●	Memorias fotográficas en el Archivo Municipal de Lisboa Isabel Corda
156	●	Colecciones y fondos fotográficos. Teoría y praxis Antonia Salvador Benítez y Juan Miguel Sánchez Vigil
172	●	Jalón Ángel: obra y legado Pilar Irala Hortal
186	●	Libros de libros de fotografía: estudio, divulgación y archivo de un patrimonio en expansión Susana M. Martins
203	●	La exposición de atrocidades: una cuestión colonial Afonso Dias Ramos
		ENSAYOS VISUALES
218	●	Actos de performance: las mujeres en el Estado Novo Ana Janeiro
228	●	Entre la tecnología y la metáfora. Tejiendo ideas ante el archivo fotográfico Laura Covarsí
241	●	Sobre los autores
246	●	Créditos



**La luz que centellea del pasado:
el archivo fotográfico como
espacio de investigación y creación**

Bruno Marques

Helena Barranha

La luz que centellea del pasado: el archivo fotográfico como espacio de investigación y creación

Bruno Marques
IHA-NOVA FCSH / IN2PAST

Helena Barranha
Instituto Superior Técnico, Universidad de Lisboa
IHA-NOVA FCSH / IN2PAST

El tiempo contenido en el instante en que la luz de la estrella destella para [una persona] viene a ser del mismo material que el que Joubert perfila con la seguridad que a él le es propia: “El tiempo”, nos dice, “se halla también, de antemano, en la eternidad; pero no es el tiempo terrenal, mundano... Porque ese otro tiempo no destruye, sólo consume”. Esto es lo contrario al infernal, en el cual discurre la existencia de aquellos que no pudieron consumir nada de todo cuanto acometieron.

Walter Benjamin, “Sobre algunos motivos en la obra de Baudelaire”, 1939.

La contemplación del cielo estrellado, cargada de simbolismo y asombro, revela una paradoja que nos invita a reflexionar sobre el deseo humano de capturar y eternizar lo efímero. La fotografía, al igual que una estrella que aún centellea en el cielo mucho después de haber desaparecido, nos permite ver aquello que ya ha sido. Al comparar la estrella fugaz con el concepto de tiempo eterno de Joseph Joubert, Walter Benjamin opone la efimeridad a un tiempo que, en vez de destruir, perfecciona, hasta el punto de potenciar la consumación de un (antiguo) deseo. Esta reflexión refleja su crítica a la modernidad, donde el verdadero valor de las experiencias y los objetos solo se alcanza en retrospectiva, cuando estos ya se encuentran al borde del olvido o de la destrucción (Benjamin 1939).

Este anhelo por eternizar lo efímero puede explicar por qué, en el contexto de la llamada “revolución digital”, los archivos fotográficos han adquirido una relevancia sin precedentes, tanto para las instituciones que tutelan estos acervos como para la investigación académica y la creación artística que se han dedicado a su estudio y su (re)interpretación. Hoy podemos convenir que la digitalización favorece la preservación física de los archivos y hace posible, simultáneamente, nuevas formas de acceso y análisis en el campo de la historia del arte, al abrir horizontes teóricos y promover prácticas creativas innovadoras. Sin embargo, la transición de lo analógico a lo digital exige no dejar nunca de ser consciente de eventuales errores, límites y exclusiones que

puedan surgir en los procesos de recopilación, conservación, clasificación, catalogación e intercambio de la información.

En un mundo digital saturado de imágenes fotográficas, el acceso a diferentes archivos, públicos y privados, ha suscitado múltiples estudios y debates. Reuniendo contribuciones de investigadores, artistas y otros profesionales que trabajan sobre archivos fotográficos, en contextos analógicos y/o digitales, el presente libro procura discutir el papel de este tipo de patrimonio para la preservación, la reinterpretación y la construcción de diversos relatos históricos y culturales. Este fue el objetivo principal del primer taller del proyecto colaborativo *Archivos fotográficos: investigación y prácticas artísticas*, iniciado en 2023, en una iniciativa conjunta del Instituto de Historia del Arte de la Facultad de Ciencias Sociales y Humanas de la Universidad NOVA de Lisboa (IHA-NOVA FCSH / IN2PAST) y del Archivo Municipal de Lisboa | Fotográfico.

Este primer volumen de la colección asociada al proyecto parte de un marco institucional y curatorial, con un conjunto de tres textos que ponen de relieve la importancia y la complejidad de los archivos fotográficos. El texto de **Isabel Corda**, responsable del Archivo Municipal de Lisboa | Fotográfico, proporciona una visión global de la historia, la estructura y la misión de este equipamiento cultural. Tutelado por el Departamento de Patrimonio Cultural del Ayuntamiento de Lisboa, el acervo del Archivo Fotográfico está formado por variados soportes y tipologías documentales, que reflejan la diversidad y el valor cultural de este patrimonio cuya conservación y digitalización suscita innumerables desafíos. Asimismo, la autora incide en la importancia del archivo como guardián de las memorias urbanas, destacando su papel fundamental en la preservación y la organización de la documentación relativa a la ciudad de Lisboa.

Antonia Salvador Benítez y Juan Miguel Sánchez Vigil, profesores e investigadores de la Universidad Complutense de Madrid (UCM), amplían esta discusión al abordar la importancia de definir estrategias consistentes para la conservación, el tratamiento, la revalorización y la divulgación de colecciones

fotográficas. Los autores también exploran el uso de imágenes de archivo en contextos como la ilustración, la publicidad y la educación, así como la cuestión, muchas veces controvertida, de la posible rentabilización de este tipo de acervos. El enfoque propuesto combina reflexiones deontológicas y metodológicas con ejemplos prácticos, basados en el trabajo desarrollado por el grupo de investigación Fotodoc de la UCM, en colaboración con diversas instituciones culturales españolas.

El texto de **Pilar Irala Hortal**, directora del Archivo Jalón Ángel, docente en la Universidad San Jorge de Zaragoza y coeditora del presente libro, ofrece un estudio de caso ejemplar sobre la preservación, revalorización y difusión del legado de uno de los fotógrafos retratistas españoles más destacados del siglo XX. Creado en 2011 en la Universidad San Jorge, el archivo reúne actualmente más de medio millón de negativos, además de positivos, cámaras fotográficas y bibliografía de la época. En este texto, Pilar Irala describe el extenso trabajo de investigación, preservación y digitalización realizado y, a la vez, pone de manifiesto la importancia de diversas iniciativas para promover la relevancia cultural y académica de este legado, como exposiciones temporales y el Premio Internacional de Fotografía Jalón Ángel que convocan cada año.

Este primer conjunto de textos subraya la importancia de los archivos fotográficos como instrumentos esenciales para la preservación de una memoria visual colectiva. Al mismo tiempo, el creciente cuestionamiento de los archivos revela las complejas relaciones entre memoria y poder, desafiando su función tradicional y promoviendo una reevaluación continua de su autoridad e imparcialidad. Como observan Karen Cross y Julia Peck (2010, 129):

El archivo —y los términos a través de los cuales se reproduce el conocimiento— se abre al escrutinio y se confronta con su propia historia, con la memoria de sus inclusiones y exclusiones. Además, el gesto del materialista es revolucionario, con el objetivo de rescatar la historia del conformismo, en el momento en el que esta se encuentra al borde de su propia destrucción. De este modo, el archivo se expone a la amenaza de la memoria: la memoria de sus exclusiones. [trad.]

Paralelamente, los debates sobre los archivos fotográficos y la configuración de diferentes perspectivas históricas se han ido ampliando, no solo a través de un creciente interés por la historia de la fotografía, sino también del surgimiento de nuevas tipologías archivísticas. En este marco, destaca el caso del “libro de fotolibros”, explorado en el ensayo de **Susana S. Martins**, profesora de la NOVA FCSH e investigadora del IHA-NOVA FCSH / IN2PAST. Este texto revela cómo el fenómeno de los fotolibros preconiza un regreso al libro, en una nueva forma de circularidad que significa mucho más que la simple reimpresión de imágenes, puesto que implica una transformación de la naturaleza de esas obras. Al inventariarse y organizarse en forma de “libro-archivo”, de acuerdo con los formatos de los archivos digitales, los fotolibros dejan de ser meros objetos aislados para convertirse en artefactos culturales dignos de patrimonialización y salvaguardia. Esta archivística de la página no solo preserva la memoria cultural contenida en las publicaciones, sino que también crea un sentido de linaje, comunidad y continuidad entre obras que, de otro modo, podrían permanecer desconocidas o dispersas.

Cuando la investigación crítica y teórica sobre el archivo se superpone a la propia investigación en el archivo, este no solo se convierte en un objeto conceptual y un tema filosófico en sí mismo, sino también en un problema político, por la forma en que puede desestabilizar la memoria colectiva y los discursos históricos dominantes (Pell 2015). En este marco, la relación entre archivos y situaciones de conflicto ha sido objeto de una reflexión crítica específica, sobre todo al abordar el modo especial en que los acervos documentales sensibles, marginales y anteriormente censurados deben contextualizarse, al ser propensos a reabrir las heridas, desencadenar desavenencias y reclamaciones de justicia (Miessen y Chateigné 2016).

Con relación a esta última dimensión, el texto de **Afonso Dias Ramos**, también investigador del IHA-NOVA FCSH / IN2PAST, pone de manifiesto la urgencia de definir una ética en lo que respecta al uso de los archivos sobre la guerra colonial, especialmente en el momento de su exposición pública. Si, por un lado, los protoarchivos o los archivos alternativos pueden promover nuevos

estudios y relecturas históricas, a través del acceso a contenidos que el régimen había ocultado, dando así visibilidad a acontecimientos borrados y sujetos silenciados, por el otro, su uso indiscriminado o poco ponderado puede convertirse fácilmente en una oportunista (y voyerista) exposición del “dolor de los otros”, que incluso puede abrir más heridas y, en consecuencia, hacer con que fantasmas y sombras del pasado interfieran en los “procesos de cura” de quienes fueron víctimas de represión y violencia.

Además de la responsabilidad deontológica, otro problema derivado de aquí tiene que ver con la dificultad a la hora de reconocer el estatuto híbrido o ambiguo de archivo artístico y documento histórico (Enwezor 2008). A lo largo de las últimas décadas, varias generaciones de artistas han reclamado una revisión del concepto de archivo fotográfico, para que este deje de ser visto como un repositorio de verdades definitivas y se convierta en un espacio en el que las imágenes se puedan confrontar y adquieran nuevos significados. Al cuestionar el paradigma decimonónico de objetividad y transparencia de la imagen fotográfica (Azoulay 2008), esta perspectiva transforma la fotografía de mera ilustración a mediadora de múltiples historias, marcadamente inclusivas y plurales, que proponen una relación entre las prácticas artísticas contemporáneas y el pasado (Osthoff 2009). En 2004, Hal Foster (2004, 3) identificaba un “impulso archivístico” en el arte contemporáneo y destacaba enfoques que van desde la exposición pública de archivos alternativos, pasando por la presentación del pasado como algo heterogéneo e incompleto, hasta la concepción del archivo como un espacio en el que los contenidos reprimidos emergen de forma disruptiva.

En este marco, los archivos particulares y familiares han adquirido una especial importancia. Cuando los artistas se apropian de ellos o los recrean, estos acervos ofrecen más que simples registros visuales, puesto que incorporan los contextos culturales, sociales y políticos en los que se generaron. Dentro de este ámbito se enmarca el ensayo visual “Actos de performance: las mujeres en el Estado Novo” de **Ana Janeiro**, artista e investigadora del IHA-NOVA FCSH / IN2PAST y del CREAM, Universidad de Westminster. Al reinterpretar, a

través de la performance, poses y gestos de sus abuelas que el álbum familiar de fotografías ha conservado, la artista hace de su cuerpo un mediador intergeneracional, identificando y dramatizando posturas que forman parte de la estricta panoplia de situaciones a la que los cuerpos estaban sujetos, de acuerdo con modelos inculcados por la propaganda. Este trabajo invita a pensar cómo el campo de la fotografía, incluso al limitarse a la esfera familiar, era un territorio estrechamente regulado por códigos rígidos que condicionaban el comportamiento de las mujeres. La extrañeza que denuncia el cuerpo de la artista pone de manifiesto que esos gestos son todo menos naturales, más bien son el resultado de una disciplinada interiorización de las normas de compostura fijadas por el régimen dictatorial.

La imagen fotográfica, al servicio de un sistema político represor y heteropatriarcal, era un agente regulador de lo se consideraba adecuado para que una mujer mantuviera una “buena pose”, es decir, una actitud pasiva, dócil, elegante; en suma, servil ante el estereotipo femenino vigente por aquel entonces.

El segundo ensayo visual incluido en este libro, de **Laura Covarsí**, investigadora y comisaria independiente, propone una visión del archivo fotográfico más allá de la idea convencional de repositorio pasivo de imágenes. La autora explora las múltiples capas de significados presentes en las fotografías archivadas, invitándonos a considerar el archivo como un espacio vivo y dinámico, donde tecnología, memoria y reinterpretación se entrelazan en un diálogo continuo. Las fotografías, con sus evidencias tecnológicas y contextuales, se vuelven agentes que cuestionan, desafían y enriquecen los relatos históricos, promoviendo así una constante reevaluación crítica y creativa del pasado a la luz del presente.

En su conjunto, los textos y los ensayos visuales reunidos en este volumen demuestran que los archivos fotográficos no solo se deben entender y preservar como testimonios del pasado, sino también como materia prima siempre sujeta a transformaciones, relecturas y supervivencias. Más que una realidad material y patrimonial asociada a taxonomías racionales y

descriptivas, los acervos fotográficos son un punto de partida creativo, que potencia una relación subjetiva y múltiple con el pasado y la historia. En este sentido, los archivos dejan de ser simples agregadores de documentación e información estática y asumen un papel activo en la construcción de las memorias colectivas. Tal como la estrella fugaz que se convierte en “símbolo del deseo realizado” (Benjamin 2017, 131), la conservación, la digitalización y la reinterpretación de los archivos fotográficos permite que las memorias visuales sigan iluminando el presente, garantizando así que el brillo de las imágenes del pasado no se pierda en la oscuridad del futuro.

Referencias

Azoulay, Ariella. 2008. *The Civil Contract of Photography*. New York: Zone Books.

Benjamin, Walter. 2008. "Sobre algunos motivos en Baudelaire". En *Obra Completa de Walter Benjamin*, libro 1, vol. 2: 345-383. Traducción de Alfredo Brotons Muñoz. Madrid: Abada [ed. original 1939].

Cross, Karen y Julia Peck. 2010. "Editorial: Special Issue on Photography, Archive and Memory". *Photographies* 3, no. 2: 127-138.
<https://doi.org/10.1080/17540763.2010.499631>.

Enwezor, Okwui. 2008. *Archive Fever: Uses of the Document in Contemporary Art*. Göttingen: Steidl.

Foster, Hal. 2004. "An Archival Impulse". *October* 110: 3-22.

Miessen, Markus y Yann Chateigné. 2016. *The Archive as a Productive Space of Conflict*. Berlin: Sternberg Press.

Pell, Susan. 2015. "Radicalizing the Politics of the Archive: An Ethnographic Reading of an Activist Archive". *Archivaria* 80: 33-57.

Osthoff, Simone. 2009. *Performing the Archive: The Transformation of the Archive in Contemporary Art from Repository of Documents to Art Medium*. New York / Dresden: Antropos.